Comentários a Furter e ao seminário

Pedro Demo *

1. O interesse do seminário encontra um interesse análogo em outra área social, a da inserção no mercado de trabalho e seus aspectos "informais" ou não-institucionalizados; apenas que este já se realiza há alguns anos. Possivelmente a área da educação não tem tomado conhecimento específico dos estudos em torno do "mercado informal de trabalho" (Prealc; CNRH; Museu Nacional — Rio; IDS — Sussex etc.). Os problemas são relativamente semelhantes:

a) descoberta de que há uma área parainstitucional relevante e talvez prioritária em termos de pesquisa e de políticas;

b) dificuldades de conceituação;

c) dificuldade de construção de tipologias;

d) dificuldade de coleta e mensuração.

Em termos de ciências sociais, já nos familiarizamos com a existência do lado tido "informal" de certos fenômenos, que, apesar de não aparecer à primeira vista ou de parmenecer latente por trás dos bastidores, é absolutamente indispensável para a com-

* Do CNRH/IPEA.

preensão da realidade, mesmo porque muitas vezes perfaz o lado mais importante dela. O estruturalismo francês acentuou *ad nauseam* a necessidade de descermos à subjacência do fenômeno ("inconsciente"), o funcionalismo americano cunhou, com Merton, a expressão "função latente e função manifesta", a pesquisa de poder comunitário fixou a categoria do "poder informal" como a mais importante para se conhecer a estrutura real de poder, e a sociologia e a economia do trabalho chegaram ao lançamento da expressão "mercado informal de trabalho" como central para a compreensão de nossa dinâmica de mercado de trabalho. Parece, assim, que a educação estaria procurando um caminho metodológico semelhante, ao entender que elementos não-institucionais da educação seriam muito importantes para entendermos a realidade educacional institucionalizada.

2. Não se está conseguindo definir a *"relevância do assunto"*: por que é importante dedicar-se ao tema do "extra-escolar"?

a) por que se choca com o "escolar" institucionalizado?

b) por que está-se difundindo aleatoriamente?

c) por que é uma alternativa válida?

d) por que se enquadra melhor no contexto do desenvolvimento?

e) por que oferece elementos de inovação teórica e metodológica?

3. Para se armar uma taxionomia do "extra-escolar" é preciso resolver a questão anterior, já que qualquer tipo de operacionalização depende do quadro teórico que a gera. O quadro teórico até agora usado, além de titubeante, não inclui suficientemente o fundo socioeconômico em que está inserida a realidade educacional e que poder-lhe-ia emprestar relevância e critérios de avaliação. Afinal, a educação não passa de uma variável dependente.

Além destas questões teóricas, há outra ligada ao caráter "informal" deste tipo de realidade, ou seja, por definição difícil de ser classificada e manipulada, por estar submersa em florações para-

institucionais. De todos os modos, porém, não há como resolver o problema de uma taxionomia sem enquadrar pelo menos tentativamente a questão: por que vemos no "extra-escolar" um problema digno de nota (e de um seminário) e qual é? A taxionomia não resolve a questão porque é apenas um resultado operacional dela.

4. Diante do pano de fundo socioeconômico, a problemática poderia ganhar contornos mais nítidos. Desde que se trate de um país subdesenvolvido, a relevância de uma variável social está na proporção de sua capacidade de gerar ascensão social (mobilidade vertical), resumível (para nossos fins imediatos) nos indicadores:

a) renda acima da subsistência;

b) ocupação de prestígio social ou não braçal;

c) profissionalização;

d) usufruto das proteções legais.

A valorização de florações parainstitucionais surge porque o aparato institucional não consegue suprir satisfatoriamente a ascensão social. Os atingidos buscam, então, seus próprios caminhos. O trabalhador que não é absorvido no mercado organizado de trabalho, inventa seus biscates, faz serviços pessoais, sem base institucionalizada, mas que lhe garantem a sobrevivência imediata.

E mais: como a oferta institucional tende a atacar apenas o problema da subsistência, quem busca ascensão social, tem que buscar vias laterais, geralmente encontradas no mercado dito "informal". Daí a importância das complementações da renda familiar oriunda de ocupações secundárias, de biscates de outros componentes da família (filhos menores, esposa...), que, apesar de não aparecerem nas estatísticas, desempenham papel essencial na participação dos bens produzidos na sociedade.

É típico de um país subdesenvolvido que a organização formal de seus membros não consiga abarcar a todos, tanto porque os benefícios socioeconômicos tendem a ser distribuídos desigualmente, como porque os recursos materiais para tanto são sempre muito

escasssos. Neste sentido, a subsistência dos membros não pode ser explicada apenas pelo quadro formal da organização da sociedade e da economia, podendo mesmo acontecer que este seja o caso de uma parcela restrita da população. Ficando no exemplo do mercado de trabalho, o emprego do setor organizado (sobretudo empregos do secundário e de ramos mais favoráveis do terciário), atingindo somente uma parte da população, apenas pode explicar seus atingidos. É preciso, pois, explicar como subsiste a outra parte. Não seria isto aplicável também à realidade educacional?

5. A relevância da educação "extra-escolar" é dada pelo fato de significar, possivelmente, formas de subsistência num contexto socioeconômico restritivo, incapaz de oferecer a todos as vantagens de uma educação "formal" de alto nível, diretamente incidente sobre a ascensão social.

Nesta ótica, porém, não é qualquer floração "extra-escolar" que interessa mais. Coisas do tipo Mobral, MEB, Senai, PIPMO, formação através da empresa etc., têm certamente sua problemática específica, mas são expressões do sistema organizado e podem passar à deriva do núcleo socioeconômico mais típico do lado "informal" (população de baixa renda). Acredito que o seminário está mais interessado, dentro da extensão relativamente amorfa do "extra-escolar", naquilo que caracterizei acima como "informal".

Há uma confusão séria neste campo, porque se usa uma terminologia institucional para se captar um fenômeno parainstitucional e que tem sua relevância exatamente por estar medrando fora da instituição. Isto se percebe através de algumas acentuações insistentes durante o seminário:

a) Quando se fala da necessidade da educação definida a partir das necessidades dos atingidos, entende-se a parte "informal" e que correria risco se fosse simplesmente institucionalizada, porque a instituição define a "necessidade educacional" a partir de um outro ponto de vista.

b) Quando se deu o exemplo da medicina, acentuando a farmacopéia popular e a transmissão de formas parainstitucionais de sobrevivência às doenças, busca-se sugerir que a medicina formal

pode estar alienada, porque parte de necessidades que não são as da clientela a ser atingida. Pode apresentar sobretudo dois tipos de alienação: sendo sofisticada, é cara e só pode ser consumida por poucas pessoas; sua sofisticação não se adapta à necessidade mais imediata e simples de caráter preventivo.

c) Quando se acentua a precedência histórica da educação não-organizada, levanta-se uma crítica a uma floração conseqüente (o sistema escolar formal), que acabou por se afastar da necessidade mais premente representada pela educação que a escola não dá, mas é imprescindível à subsistência das pessoas que não retiram as vantagens do sistema organizado.

d) Quando se coloca a questão da educação em comunidade de base, acentua-se exatamente sua capacidade de representar melhor a necessidade real dos atingidos, do que o sistema formal; disto ela retiraria a característica inovadora e que se perderia se fosse formalizada.

e) Quando se coloca o problema da educação rural, trata-se do fato de que o sistema organizado de ótica sempre urbanizante tem dificuldade especial de atender à originalidade de uma educação concebida do ponto de vista das necessidades do homem do campo.

Enfim, a discussão está dando a este tipo de problema a melhor atenção, mas vem codificada em linguagem confusa: extra-escolar, incluindo tanto setores organizados, como "informais"... O termo "informal" pode ser infeliz e não brigo por ele; o que interessa é o nível de realidade a ser captado. Existe certamente interesse justificado em implantar uma ordem classificatória no espaço confuso ocupado pelas florações "extra-escolares" do sistema organizado. Mas acho que a relevância da problemática está sendo visualizada em outra direção:

a) Mesmo dentro do espaço da educação "extra-escolar" organizada, sua relevância está sendo atribuída sobretudo ao fato de significar uma floração surgida fora do "escolar" propriamente dito, no sentido de cumprir funções que este não seria capaz de cumprir.

Daí o interesse renovado de não repetir no "extra-escolar" os "erros" da educação formal e de buscar no "extra-escolar" elementos de renovação do sistema.

b) Esta crítica ao sistema escolar organizado ("escolar", em contraposição ao "extra-escolar"), porém, é mais plenamente veiculada por aquilo que chamamos de "informal", no sentido de que este tenta explicar a subsistência do indivíduo que vive à margem do sistema e talvez apesar deste.

6. O cerne mais premente da educação "extra-escolar" seria: dado que o sistema, por estar num contexto de subdesenvolvimento, só pode oferecer uma educação seletiva e adaptada a apenas uma parcela da população, as florações parainstitucionais são o modo de "se arranjar" na vida da outra parcela da população. Em grande parte a profissionalização do trabalhador é "informal", aprendida na prática e diretamente adaptada à sua realidade socioeconômica, assim como a educação preponderante e real é a da "rua".

A relevância deste enfoque poderia estar em que:

a) A educação "informal" (difusa?) é a que mais condiz com as necessidades do indivíduo (subsistência).

b) Assinala o limite de absorção do sistema organizado.

c) É inventiva, porque parte de uma necessidade que não encontra satisfação institucional.

d) Está menos exposta ao efeito-demonstração da sociedade de consumo.

e) Representa uma área em que o educador muito mais tem a aprender, do que a ensinar, porque tem dificuldade de captar convenientemente a necessidade do educando e tem medo de intervir.